

FILOSOFIA, DESDE QUANDO?

João Bosco Bezerra de Araújo¹

A Filosofia é uma Senhora em idade provecta. Se não no Amazonas, onde apenas contamos da data em que aqui aportou, com o risco de que seja ignorado ou, pelo menos, negligenciado todo o seu longo passado, do qual não podemos, de nenhum jeito, prescindir, sob a pena de pormos em risco até a consciência crítica que, a duras penas, chegamos a construir.

É praticamente unânime a convicção de que ela veio lá dos idos aproximados do século VI a.C., quando teria nascido em Mileto, na Ásia Menor, na atual Turquia, de Thales, o primeiro dos jônicos e dos pré-socráticos. Apesar disso, de lá veio com a indelével marca do espírito grego, que, aliás, fundou Mileto e a teve como cidade-colônia.

Mas, por que esse preciso momento, esse preciso local e, sobretudo, esse preciso crédito atribuído a Thales? Pelo menos por duas razões principais: porque Thales expurgou do seu pensamento as contaminações míticas e místicas e porque Thales abandonou a consideração fragmentária da “physis”, ou natureza, que passou a ser considerada na sua universalidade como Realidade, ou seja, como a totalidade do Ser Real. Assim estabeleceu a primeira das características do pensamento filosófico, que é aquela de tomar como preocupação e ocupação a totalidade do Ser, deixando a investigação das especificidades das partes para as ciências, que sempre delimitam seus objetos.

Ao afastar-se do mítico e do místico, Thales distinguiu o saber filosófico, dos outros saberes, como os que se imiscuem nas construções dos mitos, nas explicações místicas, nas crenças populares e no senso comum.

Eis porque a Filosofia nasceu grega, e só grega, o que permitiu que se falasse em Milagre Grego, sem com isso deixar de reconhecer outras sapiências, sobretudo brotadas no Oriente, mas bem distintas do saber filosófico.

A exigência de um princípio único para explicar todo o mundo real, no caso a “Arquê”, como início e fundamento de tudo, para Thales a Água, em vez de constituir

¹ Graduado em Psicologia e em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro – PUC-RJ. Professor Titular Aposentado do Instituto de Ciências Humanas e Letras da UFAM (Departamento de Filosofia). Primeiro Diretor Eleito pela Comunidade Universitária do Instituto, para dirigir o ICHL em mandato de quatro anos. Primeiro Reitor Eleito (e não empossado) da UFAM.

reducionismo, revela inequivocamente a postura filosófica de unificar a pluralidade num todo.

Os gregos, de um modo geral, foram “realistas” e, com Parménides de Eléa, colocaram todo o pensamento ocidental numa direção, ao explicitar de uma só vez o Princípio de Identidade (O Ser é, o Não-Ser não é), que estabilizava o Ser, e o Princípio de Identificação do Ser e do Pensamento (Só pode ser o que pode ser pensado sem contradição). Daí, então, a inevitável adesão de Platão e de Aristóteles ao parmedianismo e o isolamento a que ficou condenada a rica visão de Heráclito de Éfeso, fundada no vir-a-ser e no movimento. Não à toa, ao eleata foi outorgado o título de “único sóbrio entre os ébrios”.

Fidelidade a Parménides, até quando Aristóteles estabeleceu que as Categorias (por ele enunciadas) são simultaneamente do Ser e do Pensar.

E nesse trilho correu quase sempre o pensamento ocidental, inclusive na Idade Média, quando a busca de dar à Religião uma fundamentação filosófica, foi sobre o aristotelismo, enraizado no eleatismo, que Santo Thomas de Aquino, o Doutor Angélico, edificou a sua Suma Teológica.

A primeira grande mudança de direção, certamente de 180°, marcou o início da chamada Filosofia Moderna, quando o “Cogito Cartesiano” se sobrepôs à Realidade, até então o objeto privilegiado do pensamento filosófico, e veio assim a instituir o Idealismo de modo irreversível. Enquanto a René Descartes coube o papel que coubera a Parménides na linhagem do Realismo, é no século XVIII d.C., com Emanuel Kant, que o Idealismo se cristaliza naquilo que o grande pensador de Königsberg, registrando sua marca própria, denominou “Idealismo Transcendental”.

Inapelavelmente a Filosofia Moderna, cada vez mais ganhou as feições de Humanismo, avançou sobre a temática humana e voltou-se para o tratamento dos grandes problemas que assolam e preocupam, desde sempre, a humanidade e, assim, necessariamente também se voltou com prioridade para as questões epistemológicas da crítica do conhecimento.

Tal movimentação é progressiva e crescente, levando à proliferação das linhas do pensamento humanístico. E isto reconheceu o existencialista Jean Paul Sartre, ao dar como título a um livro a afirmação de que “A Filosofia é um Humanismo”, suscitando vigorosa resposta de Martin Heidegger, outro existencialista, em sua “Carta sobre o Humanismo”.

Nessa considerada Filosofia Contemporânea são tantas as abordagens humanísticas, que só dentro do chamado Existencialismo coexistem, colaboram e conflitam pensadores, por vezes filósofos, por vezes literatos, como Kierkegaard, Sartre, Heidegger, Jaspers, Husserl, Merleau Ponty, Gabriel Marcel, Albert Camus e outros mais.

E não é apenas no Existencialismo que a Filosofia Humanística se esgota. Ela também está vigorosamente presente, por exemplo, num lobo solitário como Friedrich Nietzsche, e num desbravador de novos territórios como Max Scheler.

Mas eis que, quando interpelamos “FILOSOFIA, DESDE QUANDO?” de fato a estamos circunscrevendo ao nosso aqui e agora, ao nosso curto, mas essencial e vital exercício do pensar filosófico nesta heroica e histórica cidade de Manaus.

A priori foi estabelecido que ora comemoramos os sessenta anos do Curso Universitário de Filosofia, como se nessa ocorrência estivesse o início da Filosofia para nós, amazonenses.

Aqui foi plantada em 1909 por Eulálio Chaves e denominada de Escola Universitária Livre de Manáos a instituição que hoje é tida como a primeira universidade brasileira. Nela não estava contido o Curso de Filosofia, mas, como já trazia o Curso Jurídico, na busca da fundamentação do Direito, a Filosofia deve ter sido objeto de reflexão, pelo menos enquanto Crítica da Razão Prática, ou seja, Emanuel Kant.

Além disso, já antes de 1959, ano da criação da Faculdade de Filosofia do Amazonas, pelo menos nos colégios Pedro II e Dom Bosco existiam as cátedras de Filosofia. O próprio Cônego Walter Nogueira, figura fortemente imbricada na criação do curso universitário de Filosofia, lecionou Filosofia e Língua Grega no Curso Clássico do Pedro II.

Absolutamente indispensável também preservar na memória o importantíssimo núcleo de estudos filosóficos que, por muitos anos, foi mantido no Seminário Diocesano São José, durante as reitorias dos padres Jorge Normando e Juarez Maia. Lá, na formação sacerdotal, o chamado Seminário Maior era constituído por quatro anos de Filosofia e quatro anos de Teologia. Desse núcleo saíram vários pensadores que mantiveram acesa a chama filosófica entre nós, valendo aqui destacar a figura do padre Diomar, tido como um dos maiores conhecedores da Filosofia Tomista no Brasil.

Impossível desmerecer ou diminuir a importância histórica e cultural da fundação da Faculdade de Filosofia, antes no âmbito da Secretaria Estadual de Educação e Cultura,

depois recebida e perenizada no seio da Universidade do Amazonas, hoje Universidade Federal do Amazonas.

Na verdade, a Faculdade de Filosofia foi instituída em 1959 pelo Governo do Estado do Amazonas e teve deflagrado o seu funcionamento em 1961, a dividir com a Faculdade de Ciências Económicas o mesmo prédio da Rua José Paranaguá.

O santo desse milagre foi o já mencionado Cônego Walter Gonçalves Nogueira, que utilizou seu prestígio pessoal e a força do seu cargo de Secretário de Estado da Educação e Cultura para mobilizar e dirigir as forças do Governo do Estado em tal direção.

O modelo foi tomado das universidades alemãs, onde as Faculdades de Filosofia preservavam a tradição de abrigar, além da própria Filosofia, várias outras áreas do conhecimento. Por isso a nossa começou com as graduações em Filosofia, em Matemática e em Pedagogia, para depois se expandir para a Química, para as Letras e alhures. Assim, foi depois renomeada como Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, designação bem mais adequada.

O fato é muito mais importante e significativo do que pode parecer à primeira vista. Não se trata do simples engendramento de uma praça, de um monumento, de uma arena de esportes ou coisa semelhante. Na verdade, uma sociedade que não abrigue entre as suas ações culturais o manejo e a produção do saber filosófico será sempre manca, claudicante, incapaz de gerar o conhecimento de si mesma, de desenvolver a indispensável consciência crítica que poderá imunizá-la contra as aventuras políticas de alto risco. Uma sociedade que pensa é uma sociedade que habita um patamar mais alto e, para pensar verdadeiramente, nenhum exercício pode ostentar maior adequação do que a atividade filosófica.